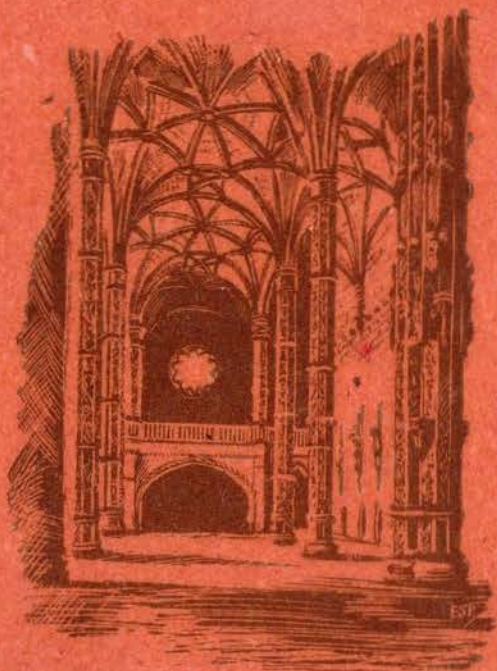


OLISIPO

BOLETIM
TRIMESTRAL

do

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"



ANO XIX N.º 76

OUTUBRO DE 1956

FIRMA O SEGURO DOS
FILHOS. AQUÉLE QUE FIRMA
UM SEGURO DE VIDA
NA **IMPÉRIO**



COMPANHIA
DE SEGUROS

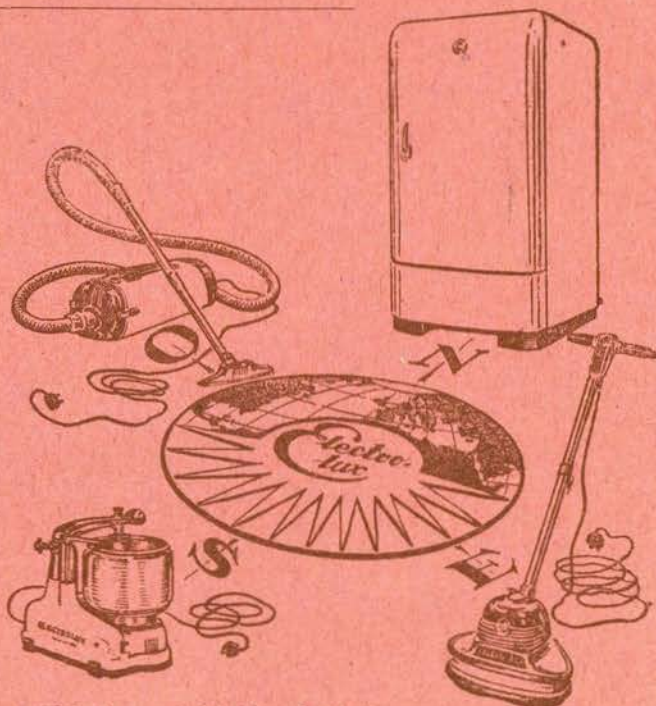
R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

Para qualquer lado
que se volte en-
contrará sempre
Um aparelho

ELECTROLUX

ELECTROLUX, LDA.
LISBOA
Rua Pascoal de Melo, 7
R. 1.º de Dezembro, 210-B



Telefs. : 5 61 15 - 2 82 46

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA GARRETT • Rua Garrett, 36 — LISBOA

Casa Maciel, Lda.



Premiado nas exposições de Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Indústria Portuguesa

FABRICANTE DE
LANTERNAS
em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 — LISBOA

Completamente Remodelada

Reabriu de novo, para bem servir a sua numerosa clientela, com um sortido completo de

Pincéis, telas, e tintas de óleo, para aguarela, desenho e guaches das marcas

LEFRANC, WINDSOR, PELIKAN
SCHMINCKE, etc.

a

Papelaria Camões

de

Augusto Rodrigues & Brito, Lda.

Tel. 2 30 63

42, Praça Luís de Camões, 43 — Lisboa

Restaurante

TAVARES

O mais Antigo, Tradicional e
Luxuoso Restaurante de Lisboa

R. da Misericórdia, 35-39

Tel. 2 11 11/2 — LISBOA

O F I C I N A S
G R A F I C A S

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

Companhia Nacional de Navegação

A MAIS ANTIGA E MAIOR
EMPRESA ARMADORA PORTUGUESA
DAS CARREIRAS DE ÁFRICA

Sede

Rua do Comércio, 85
LISBOA

Sucursal

Rua Infante D. Henrique, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique» ... 13.220 Ton.	«Índia» 11.400 Ton.	«S. Thomé» 12.550 Ton.
«Angola» 18.250 »	«Timor» 11.400 »	«Nacala» 5.130 »
«Quanza» 11.550 »	«Save» 2.680 »	«Tagus» 2.320 »
«Luabo» 3.030 »	«Sofala» 18.520 »	«Agachote» 1.950 »
«Zambézia» 3.538 »	«Moçâmedes» 12.990 »	<i>Em construção</i>
«Lúrio» 3.538 »	«Rovuma» 12.990 »	«Niassa»..... 10.000 Ton. D. W.

**AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS
E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO**

Pérola do Rossio

L i m i t a d a

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole.....	Cabo Verde e Guiné.....	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole.....	S. Tomé e Príncipe e Angola.....	Mensais
Norte de Europa	S. Tomé e Príncipe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão / Tramping
 Consignações / Trânsitos / Serviços de reboques fluviais e de alto mar
 Lanchas / Fragatas / Batelões.

FROTA PRINCIPAL

	TON.		TON.		TON.
n/m «África Ocidental»	1.560	n/m «António Carlos»	2.974	n/v «Costeiro»	900
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Arroios»	9.558	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426
n/v «Alcoutim»	10.526	n/m «Belas»	7.259	n/m «Covilhã»	1.376
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Borba»	7.259	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alexandre Silva»	3.215	n/m «Braga»	7.224	n/m «Manuel Alfredo»	3.600
n/v «Alferrade»	2.118	n/m «Bragança» ...	7.224	n/v «Maria Amélia» ...	3.005
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Cartaxo»	1.376	n/v «Mello»	6.253
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Colares»	1.376	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Ambrizete»	9.245	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/m «São Macário» ...	1.221
n/m «Ana Mafalda» ...	3.643	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Saudades»	6.430
n/m «Andulo»	9.245			n/v «Zé Manel»	1.240

Total 151.558 Ton.

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de água,
 1 Draga e 5 Batelões de dragadas.

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro;
 2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros
 no serviço de cabotagem na Província de Cabo Verde.

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA - Rua do Comércio, 39	PORTO - Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 2 63 14/5	Telef. 2 73 63
Teleg. GERAL	Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos reverterem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

Oferta
27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XIX

OUTUBRO DE 1956

NÚMERO 76

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 257 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN	215
SANTO ANTÓNIO DA BARRA - Achegas para uma monografia por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	217
LEMBRANÇAS DE NORBERTO DE ARAÚJO por <i>Ferreira de Andrade</i>	227
FEIRA DA LADRA	229
ACÇÃO CULTURAL do trimestre passado	235
A CAMPANHA DOS 20	238
ÍNDICE do 19.º Volume - 1956	239
LIVROS, edições do Grupo e dos Sócios	241

CAPA: Igreja dos Jerónimos - Nave, na orientação Nascente-Poente.

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN

Calouste Sarkis Gulbenkian

A propósito da publicação na Imprensa do Decreto instituindo a Fundação Portuguesa Calouste Gulbenkian a Junta Directiva do Grupo «Amigos de Lisboa» em sua sessão extraordinária de 11 de Agosto de 1956 aprovou por unanimidade a moção seguinte:

«Considerando, que por decreto de 18 de Julho de 1956, foi instituída, com Sede em Lisboa, a Fundação Portuguesa Calouste Gulbenkian, com fins caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Considerando, que todos os portugueses se encontram possuídos de grande desvanecimento e da maior gratidão por verem o seu País, preferido por tão ilustre benemérito, para nele instituir uma Fundação com fins tão altamente humanitários e de tão vincada expansão cultural.

Considerando que ao sentimento de portugueses, acrescenta ainda, o Grupo «Amigos de Lisboa» a enorme alegria e justificado orgulho de ver escolhida, para a localização de tão prestante e magnífico organismo, a cidade de Lisboa.

Considerando que a repercussão mundial deste facto, dignificará o conceito e aumentará o renome e o prestígio internacional da nossa querida Lisboa.

Considerando que para a instalação da Sede e dos seus numerosos Institutos, Museus, etc., será necessário construir alguns importantes edifícios e modernizar outros, o que virá engrandecer a monumentalidade citadina.

Considerando por fim, que a própria feição da cidade, no que se refere aos seus habitantes, certamente se modificará, já pela criação de um escol de funcionários e frequentadores dos diversos Institutos Culturais, já pela bonificação que determinará nos que forem atingidos pelas finalidades assistenciais, educativas e económicas de tão grandiosa e altruista Fundação.

A Junta Directiva do Grupo «Amigos de Lisboa» por si e como legítima representante de todos os seus consócios, em sessão de 11 de Agosto de 1956, reconhecendo que o Instituidor da Fundação em referência se afirmou um presti-

moso e magnânimo Amigo de Lisboa, digno da mais profunda admiração e do mais sentido reconhecimento, resolve prestar ao Insigne Cidadão Calouste Sarkis Gulbenkian, em atenção às suas assinaladas virtudes, a respeitosa homenagem de o proclamar, a título póstumo, Amigo de Lisboa (Par ad virtutem).

Desta decisão se dará conhecimento aos administradores da Fundação e a publicidade que merece.

Lisboa, 11 de Agosto de 1956.»

Desta moção foi dado conhecimento como nela se consigna à Administração da Fundação referida e à Imprensa da capital.

A essa reunião que foi presidida pelo Vice-Presidente da Junta Directiva, o director deste Boletim Gustavo de Matos Sequeira, estiveram presentes o Secretário-Geral Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves; Dr. Alberto Gomes; o Director-Tesoureiro Hugo Raposo e o Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes. A Comissão de Contas estava representada pelo seu Relator José Francisco de Oliveira. Todos os presentes se associaram aplaudindo a moção aprovada.

OLISIPO faz-se éco do acontecimento e publica o retrato de Calouste Sarkis Gulbenkian associando-se assim à homenagem do Grupo e não deixando perder para a história a justa consagração feita a quem tanto honrou a cidade de Lisboa.



SANTO ANTÓNIO DA BARRA

Achegas para uma monografia

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

QUEM seguir a magnífica estrada marginal, que de Lisboa leva à vila de Cascais, encontra à sua esquerda, uma boa dezena de quilómetros andados e a pouca distância antes de S. João do Estoril, sobre uma pequena elevação de terreno, uma fortaleza que, apesar dos 366 anos já vividos, se nos apresenta aos olhos com ar remogado.

Trata-se do forte de Santo António da Barra.

Em 1586, Filipe II de Espanha, pretendendo que fosse melhorado o sistema defensivo que cobria o acesso à barra do Tejo e protegia, portanto, Lisboa, mandou vir de Nápoles um seu architecto e engenheiro de nome João Vicencio Cazale, frade servita e, também, escultor e pintor, que contava, então, 47 anos de idade, e a quem cometeu o encargo de proceder aos indispensáveis estudos e mais os de elaborar os projectos e dirigir as obras que fossem julgadas necessárias (1). É claro que, da parte de Filipe II, não existia o menor propósito de nos proteger mas, tão-sòmente, o intuito de aumentar os meios de defesa contra os seus inimigos.

Entre outros trabalhos a que frei Cazale meteu ombros, incluia-se a construção de um forte, situado entre Cascais e S. Julião, destinado não só a interdizer, a forças inimigas, a utilização dos surgidouros

(1) Vieira da Silva, artigo no jornal «O Século», de 2 de Novembro de 1928.

próximos como também a bater por bombordo, «a tiro seguro», os navios que procurassem demandar a barra do Tejo e franqueá-la pelo canal do Norte.

Foram as obras iniciadas em 1590, segundo ordem real datada de 15 de Fevereiro do mesmo ano, mas ignoramos quando tenham sido dadas por concluídas. Sabemos apenas que, durante o decorrer dos trabalhos, a traça inicial sofreu ligeiras modificações e que Cazale veio a falecer em 1593.

Colocado sob o patrocínio de Santo António, certamente por influência da próxima localização de um convento da mesma invocação — edificado em 1527 e que recolheu religiosos da ordem reformada de S. Francisco — apresentava o forte, em planta, a forma quadrangular abaluartada.

A entrada fazia-se, junto do ângulo Sul-Nascente, através de uma ponte levadiça que dava acesso imediato ao corpo da guarda. Este comunicava directamente com a bateria baixa, ou praça de armas, rectangular, da qual os parapeitos viravam um, a Sul, sobre o mar — o de maior extensão — e outro a Oeste. Com as frentes para esta bateria elevavam-se os quarteis, constituídos por dois corpos paralelos, cada um com dois pisos, e unidos nos topos Norte pela capela. A bateria alta, envolvendo três faces dos quarteis, tinha as canhoneiras orientadas a Oeste, Norte e Poente.

A meio da bateria baixa e junto do parapeito Sul existia uma «fonte de boa água».

A propósito de frei Cazale, parece-nos oportuno lembrar ter sido ele o autor — por incumbência muito especial de Filipe II — de três projectos de transformação da Torre de S. Vicente de Belém que aquele soberano desejava fosse ampliada na frente Sul e convenientemente reparada do lado da margem. Em dois dos projectos a torre, pròpriamente dita, era conservada, mas o terceiro previa a sua total demolição até ao nível da plataforma ou bateria alta. Por rebate de consciência ou razões de ordem económica, e esta segunda hipótese é a mais aceitável, tão criminoso atentado não foi por diante (2). No entanto, estamos em admitir que os chamados «quarteis filipinos» — que tanto prejudicavam o belo conjunto de tão precioso espécime de arquitectura militar e que só vieram a ser demolidos em 1845, sendo governador da Torre o marechal duque da Terceira — foram construídos por inspiração, má inspiração por sinal, daquele religioso.

Temos conhecimento de uma outra planta do forte de Santo António da Barra, esta levantada em 1693 e cuja factura julgamos de atribuir a Mateus do Couto, que foi oficial engenheiro de muito merecimento e valor. Serviu nas fortificações da barra do Tejo e nas de Lisboa, Cascais, Abrantes, Santarém, Pinhel, Berlenga e nas praças do Alen-

(2) Id.

tejo. Tomou parte num dos cercos de Badajoz e seguiu incorporado nas forças comandadas pelo marquês de Marialva que socorreram Elvas. Esteve na reconquista de Évora e no sítio e rendição de Valença de Alcântara, «cuja fortificação se fez pelo seu desenho». Trabalhou nas obras do convento de Santa Clara de Coimbra e foi o architecto do convento das Francesinhas, hoje desaparecido e que se situava no lado Sul da Calçada da Estrela, onde actualmente existe um belo jardim, fronteiro ao edificio da Assembleia Nacional. O convento foi fundado pela Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, que nele foi sepultada (3).

Ora esta planta de 1693, no que diz respeito ao sistema de acesso ao forte e à bateria baixa, diverge sensivelmente do desenho de 1590. O cotejo, por rápido que seja, das estampas que incluímos é bastante elucidativo.

E o que nos parece mais estranhável é o facto da configuração da costa, junto ao forte, se apresentar tão diferente num e no outro desenho. Já a circunstância de diferir a disposição da entrada e ainda a de no flanco Oeste da bateria baixa figurar, na planta de 1693, uma construção, que de resto mais não era do que uma simples alpendrada, não é para admirar, sobretudo se tivermos em conta que entre o levantamento das duas plantas mediaram 103 anos e que durante a guerra da Restauração se trabalhou afanosamente na defesa de Lisboa e do seu porto, quer aumentando a eficiência dos meios já existentes em 1640 quer aprestando outros. Como não julgamos de admitir que, naquele lapso de tempo, se tenha produzido a apontada alteração da costa junto ao forte, não hesitamos em dar mais fé, pelo menos neste particular, ao trabalho cuja autoria é de atribuir a Mateus do Couto.

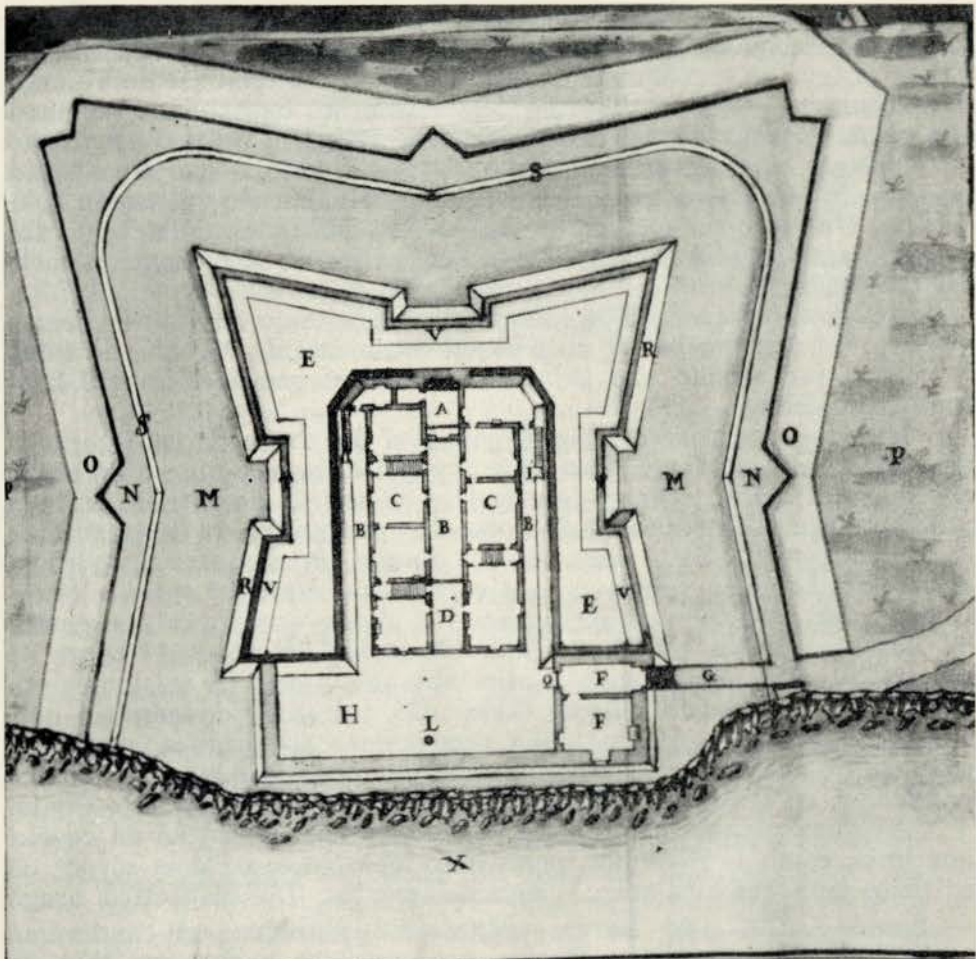
As duas plantas são, porém, concordes na localização da capela que unia, como já dissémos, pelos extremos Norte os dois corpos de edificios que constituíam os aquartelamentos. Do respectivo orago — Santo António da Barra — junto se reproduz um lindíssimo registo, (4) de autor desconhecido, mas que nos parece ser obra de situar no século XVIII.

*

Por avisos datados de 14 e de 24 de Abril de 1751 — reinava há menos de um ano el-Rei D. José e era seu secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Sebastião José de Carvalho e Melo — determinou o general e estribeiro-mor, D. Diogo de Noronha — filho terceiro do marquês de Angeja, D. António de Noronha de Albuquerque e Sousa, e marquês de Marialva e Conde de Cantanhede por via do seu casamento com D. Joaquina Maria Madalena da

(3) Cristovam Ayres, *História Orgânica e Política do Exército Português - Provas* - Vol. VII, págs. 239 e 240.

(4) Da magnífica «antoniana» do nosso querido amigo Dr. Estevam Amaral Fortes.



Plan do Forte de S. Antonio que esta entre os montes de
 S. Paulo e S. Joao, e foi mandado fazer por Sua Magestade em 15 de Junho de 1590
 pelo Sr. Rey D. João terceiro Rey de Portugal
 e para que se fabricasse della e mandou alguns engenhos que nel
 se fabricaram e que dessem desta forma -
 A. Capta. B. Tres Casas, C. Almacem e casas p. habitar e por
 suas portas, D. Casa da Cozinha, E. Torrelongo ou
 casa da Artilharia. F. Corpo de guarda. G. Ponte.

H. Praça baixa para Artilharia. I. Captaes que sobem as
 Praças altas, L. fonte de boa agua. M. fozes ou Casas.
 N. Covada coberta, O. Cisterna, P. Campo ou Campanha,
 Q. Rasvallo, R. Escarpa que termina de cada lado do fozes e com
 pleno de cada um ha. T. Paredes de terra. V. Rampas de
 terra. X. Mar. S. Contra escarpa e termina de cada
 lado ha -
 Escala de 100 palmos

Planta do forte referida a 1590

(rep. Ed. Portugal)

Conceição de Meneses — que se procedesse a uma rigorosa e imediata vistoria «das praças, fortalezas e fortes» que se integravam no sistema defensivo de Lisboa e do seu porto. Procedeu a essa inspecção o engenheiro militar Eugénio dos Santos Carvalho — um dos artifices da reconstrução de Lisboa após o cataclismo de 1755 — que, logo em 12 de Maio do mesmo ano, apresentou um circunstanciado relatório (5). É desse documento que extraímos a parte que diz respeito à «fortaleza de Santo António da Barra» e que reza como segue:

«A Praça de Armas, Corpo da Guarda, e os quatro quartéis, que ficam junto à primeira bateria tudo necessita reformado, e o mesmo necessita alguma parte dos parapeitos, casa do forno e guaritas; os lagedos que assentam sobre os quartéis, e todo o mais lagedo das baterias altas, Praça de Armas e cavaleiro, necessitam de ser betumados nas suas juntas; e as baterias altas que se acham principiadas a lagear de se acabarem com o mesmo lagedo, para não se invadirem das águas as casas que ficam por baixo; a escada da parte do Nascente, que vai para o cavaleiro se acha com ruína, que se pode comunicar às casas, que lhe ficam contíguas, se lhe não acudirem com o remédio, e todos estes consertos poderão custar 2.200\$000 réis.»

Não conseguimos apurar se, como consequência daquele relatório, algumas obras foram levadas a efeito. Sabemos apenas que, em 1762, o conde de Lippe recomendou, com muita insistência, que fossem devidamente reparadas e armadas as fortificações que defendiam Lisboa. Em 1793 (6), como consta de dois relatórios, subscritos pelo coronel engenheiro Romão José do Rego e datados, respectivamente, de 14 de Janeiro e de 18 de Setembro, o forte de Santo António da Barra encontrava-se «pròximamente reedificado».

Só no ano de 1868 voltamos a encontrar, em velhos papéis, referência ao estado deste forte que, então, carecia de ser reparado. É o capitão de engenharia, António Joaquim Pereira, quem no-lo diz, através de uma «Memória acerca dos pontos fortificados para a defesa de Lisboa» (7), datada de 30 de Novembro.

Em 1900, o forte estava desclassificado mas ainda tido como aproveitável para serviços auxiliares da defesa nacional.

*

Alguns apontamentos, embora incompletos e de que damos nota a seguir, conseguimos obter sobre as guarnições que ocuparam este forte bem como que do seu artilhamento em diferentes épocas.

Assim, um decreto (8) firmado, em 15 de Março de 1641, por el-Rei D. João IV e fixando as guarnições de várias fortalezas de

(5) *Arquivo Histórico Militar*, Colecção conde de Lippe, caixa 1, proc. 11, doc. 31.

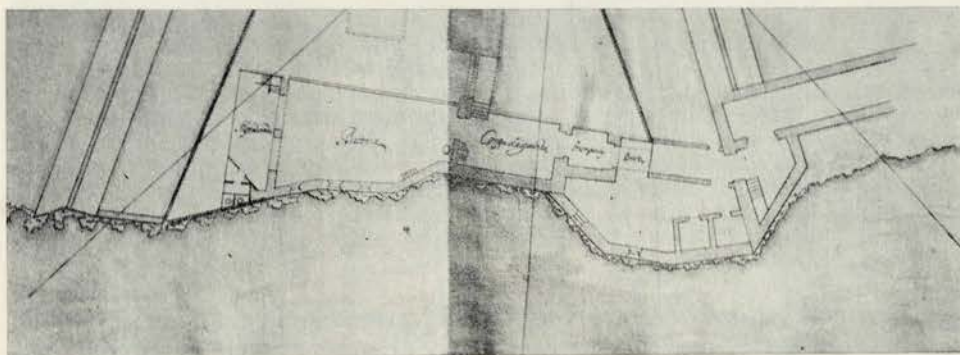
(6) *Id.*, caixa 3, proc. 11.

(7) *Id.*, 3.ª div., 1.ª secção, caixa 1, doc. 3.

(8) Torre do Tombo, Conselho de Guerra, maço 1, doc. 102.

Setúbal e de Lisboa determinava, quanto àquela de que nos vimos ocupando, que o número de soldados que deveria manter oscilaria entre 30 e 40. E acrescentava que o Conselho de Guerra logo que desse cumprimento à real ordem avisaria o da Fazenda para que este pudesse «situar o pagamento».

Em 11 de Janeiro de 1681 outro decreto ⁽⁹⁾, este agora da assinatura do regente Infante D. Pedro, além de fixar as guarnições de



Fragmento da planta levantada em 1693

(rep. Ed. Portugal)

algumas praças de guerra indicava o quantitativo anual das verbas correspondentes que eram autorizadas, as quais de modo algum poderiam ser excedidas.

Para este forte eram, como segue, o quadro e o orçamento estabelecidos:

- 1 governador com 16\$000 réis por mês.
- 1 tambor com 50 réis por dia.
- 1 sargento com 100 réis por dia.
- 1 tenente com 8\$000 por mês.
- 1 capelão com 80 réis por dia.
- 1 almoxarife com 80 réis por dia.
- 1 escrivão a 60 réis por dia.
- 1 barbeiro com 50 réis por dia.
- 3 cabos de esquadra com 60 réis por dia, cada um.
- 27 soldados a 50 réis por dia, cada um.
- Para azeite e lenha, verba anual 24\$400.
- Gastos miúdos com os oficiais que faziam os pagamentos 12\$000 réis.
- 1 condestável de artilharia com 80 réis por dia.
- 8 artilheiros com 60 réis por dia, cada um.

Total da verba anual autorizada: 1.240\$550 réis.

⁽⁹⁾ Id., maço 40, doc. 1.

Em 1777 — em data que não podemos precisar — a guarnição de artilharia era composta por 1 sargento e 9 soldados do Regimento de Artilharia da Corte, ⁽¹⁰⁾ antecessor do actual Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1.



Na Igreja de Iose da Fm.^a ou Arsenal

Santo António da Barra

Em 1805, segundo nos diz o então coronel de artilharia António Teixeira Rebelo, num documento com data de 18 de Junho e intitulado

⁽¹⁰⁾ General J. J. Teixeira Botelho, *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*, vol. II, pág. 328.

«Contas das fortalezas, artilharia e guarnição da costa e margens do Tejo, desde o Cabo da Roca até à Torre de S. Vicente de Belém» (11) era assim composta a guarnição:

Primeira plana:

1 brigadeiro-governador
1 tenente-coronel
1 ajudante.

Inválidos e Pés de Castelo:

2 cabos de esquadra
23 soldados.

Em 1 de Outubro de 1831 prestavam ali serviço 1 subalerno, 1 sargento, 1 cabo e 18 soldados, todos artilheiros.

Quanto ao seu armamento temos nota de que em 1777 se compunha de 17 bocas de fogo de bronze, 1630 balas e 5 arrobas de pólvora; em 19 de Novembro de 1793, 15 peças de bronze e 1 de ferro; em 1802 e em 1805 dispunha de 16 peças; em 1808, 13 de bronze, 1 de ferro e 1200 projecteis. Em Março de 1814 só ali existiam 4 peças de ferro, encravadas e desmontadas, e em 1 de Outubro de 1831, 6 peças de ferro.

*

Foram certamente numerosos os governadores que passaram por Santo António da Barra. De muito poucos, apesar dos esforços empregados, conseguimos colher notícia. São, por isso, muito pobres os elementos coligidos sobre este particular. Não deixam contudo de ter certo interesse e, por essa razão, deles aqui deixamos nota.

Em 8 de Junho de 1718 foi nomeado governador, com a patente e soldo de capitão de cavalos, António José de Miranda Henriques, em remuneração de serviços prestados, e que no cargo foi precedido por Francisco de Albuquerque. Por nos parecer curioso reproduzimos um requerimento que Miranda Henriques dirigiu a el-Rei D. João V (12) :

«António José de Miranda Henriques representa a V. Mag. haver-se empregado no Real Serviço há vinte e seis anos achando-se em todas as ocasiões que no decurso deles se lhe ofereceram, em que se houve com o procedimento que

(11) *Arquivo Histórico Militar*, colecção conde de Lippe, caixa 5, proc. 6.

(12) Torre do Tombo, Conselho de Guerra, maço 77, doc. 26.

consta das suas certidões e se acham juntos aos papéis do seu requerimento. E ainda no tempo da Paz se embarcou na Armada que foi a Turim e em muitos da guarda costa, fazendo assim nestes embarques, como nas campanhas, consideráveis despesas da sua fazenda, antepondo a todas o Serviço de V. Mag. com o zelo, e fidelidade de Seu Leal Vassalo, razão porque o Sr. Rei D. Pedro, que está em glória, lhe havia feito promessa do regimento de infantaria de que era o suplicante capitão antes de principiar a guerra, o qual no mesmo tempo se deu por um decreto a Bernardo de Vasconcelos ficando o suplicante existindo no mesmo serviço, sempre com o grande empenho, e gosto com que o havia principiado, e como até o presente não tem remuneração, nem foi deferido nas oposições que fez, e de próximo se acha vago o governo do forte de Santo António da Barra,

P. a V. Mag. lhe faça mercê em atenção ao referido, do governo do dito Forte de Santo António da Barra, que vagou por falecimento de Francisco de Albuquerque, e também da Patente e soldo de coronel, como há exemplos e serviram outros, e de que o suplicante se faz merecedor pelos serviços que tem feito, maiormente mandando-lhe S. Mag. o Sr. Rei D. Pedro oferecer a mesma patente, como consta ao secretário de Estado, por quem o mesmo Sr. foi servido mandar se lhe participasse, o que deve esperar da Real Grandeza de V. Mag. por decreto. E. R. Mce.»

Sobre este requerimento recaiu o seguinte despacho real:

«Tendo consideração aos merecimentos, e serviços do suplicante, hei por bem nomeá-lo governador do Forte de Santo António da Barra desta cidade, com a patente e soldo de capitão de cavalos, que ocupou. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido.

Lx^a Ocidental a 8 de Junho de 1718. Rei.»

Em 1792 e 93 era governador interino o tenente da praça, tenente-coronel José António de Macedo Lemos, que morava em Lisboa, à Calçada do Combro. Em 1794 exercia o cargo, com character efectivo, o brigadeiro José Joaquim Coutinho, vindo de S. Julião da Barra. Este official, que foi promovido a marechal de campo em 1799, ainda em 1800 se conservava no lugar. Em 1802 desempenhava interinamente aquelas funções o tenente-coronel Duarte Luís Garcês Palha ⁽¹³⁾.

No começo deste século, em 1900, já quando o forte, como dissémos, se encontrava desclassificado, ainda ali havia um governador. Tratava-se do coronel do quadro auxiliar José Ribeiro Júnior.

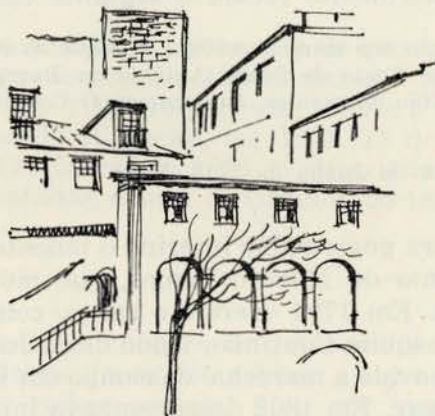
*

Ao passado do forte de Santo António da Barra — que também foi designado de «forte velho de Santo António», para o diferenciar dos

⁽¹³⁾ *Almanaque de Lisboa.*

fortes seiscentistas de Santo António e da Cruz de Santo António que, juntamente com os de S. Roque, S. Teodósio e S. João, flanqueavam a linha fortificada assente sobre as praias fronteiras ao Estoril — não estão ligados, que saibamos, quaisquer factos históricos de relevo nem acções militares dignas de registo especial.

Reconstruído há alguns anos, ali passa hoje curtas e, certamente, não despreocupadas férias o Senhor Presidente do Conselho, professor Doutor António de Oliveira Salazar.



Lembranças de Norberto de Araújo

NA prelecção do nosso consócio Ferreira de Andrade, ciceronando os Amigos de Lisboa na visita de estudo feita à Igreja dos Paulistas, em 5 de Agosto último, há que extractar os períodos em que se referiu ao nosso saudoso Norberto de Araújo, um dos fundadores do Grupo, e em que se dá um alvitre que há que considerar e que seria a mais bela homenagem a prestar à sua memória.

As palavras de Ferreira de Andrade que constituíram uma evocação sentida da figura de «alfacinha» entusiasta que foi Norberto de Araújo, foram estas:

«Crecio ter sido sempre, desde que o nosso Grupo resolveu incluir, no seu programa de visitas, a igreja dos Paulistas, Norberto de Araújo o cicerone que vos acompanhava. Impossível é, assim, fugirmos neste mesmo local, onde algumas vezes o seu verbo fluente, em lampejos de forte poder descritivo, — narrativa fácil e colorida — nos prendera estáticos e embevecidos, à evocação do seu nome.

Estou a vê-lo — e decerto também V. Ex.^{as} — entusiasmado e afável, pronto a qualquer explicação, senhor do mais pequeno pormenor, dar-nos os traços primordiais da história deste Convento.

Aqui, como em S. Vicente, no Castelo como na «sua» Alfama, era Norberto de Araújo o cicerone que se escutava com entusiasmo. Nas suas palavras — como nas páginas das suas crónicas — havia sempre o calor de uma paixão, a vivacidade de um enamorado, a ternura de um amante.

Imaginação fecunda e luminosa, dir-se-ia, ao ouvi-lo, na melopeia das suas palavras, que escutávamos os versos de um poema — poema que Norberto de

Araújo, numa perene inspiração, continuamente escrevia e nunca terminou: o seu poema Lisboa, onde havia a frescura e a melodia dos alexandrinos de Cesário, a nostalgia dos versos de António Nobre, a musicalidade cantante, alacre, dos poemas de Fernanda de Castro.

Cada frase era um hino em louvor desta Lisboa que lhe foi berço e onde o seu talento para sempre se apagou. Suas crónicas e estudos da cidade, e, até mesmo, muitos dos seus artigos, escritos em lufadas de génio na celeridade febril da redacção de um jornal, são verdadeiras iluminuras da mais exigente antologia olisiponiana.

Se com Norberto de Araújo se não extinguiu o último cultor das belezas e da história desta nossa cidade do Tejo, desapareceu, sim, o último enamorado da Lisboa ignorada e modesta, pitoresca e humilde, recôndita, escondida no dédalo de vielas e de congostas, nos recantos perdidos dos bairros antigos onde o Tejo se adivinha ao longe, confundido na mancha azul, muito azul do céu, dos pátios escuros onde há miséria e amor, tragédia e gargalhadas sadias, o gemer triste de guitarras e a voz quente, alegre, de uma mulher, sardinheiras rubras e gatos estendidos calmamente ao sol. Pátios de Lisboa! Como Norberto de Araújo os soube compreender! Bairros humildes de que o lírico autor da «Novela de Amor Humilde» foi o último apaixonado e que tantos, tantos lisboetas desconhecem, mas que ele, sim, cavaleiro-andante do Sonho e da Poesia, conhecia palmo a palmo como filho dilecto a própria casa de seus Pais.

Permitam-me V. Ex.^{as}, que ao evocar sentidamente a memória de Norberto de Araújo eu formule um voto, que julgo constituir a mais natural e verdadeira homenagem que se pode prestar ao seu sincero amor pela nossa cidade: a valorização turística de Alfama, da «sua» Alfama, da Alfama Nova como ele a via e desejava.

Apelo para a direcção do Grupo «Amigos de Lisboa», para que junto da Câmara Municipal insista em se dar início ao programa de valorização deste burgo citadino, de modo, como antevia Norberto de Araújo, a constituir «um bairro de interesse nacional olisiponense, motivo de atracção para nacionais e estrangeiros».

Esta, sim, seria a melhor homenagem que se poderia prestar ao homem que soube compreender Lisboa e os seus bairros humildes e pitorescos, «trapeiro de sonhos que sabia inclinar-se sobre os doces perfis das mansardas floridas de uma réstia de cravos onde se ouvem de noite os beijos do Povo, na Paz infinita do Nada», como há pouco ainda o descreveu Leitão de Barros.

Bailam nos nossos ouvidos as palavras que proferiu na sede do Grupo «Amigos de Lisboa» quando preconizava a realização de uma «Alfama Nova»! Nos seus olhos lia-se o entusiasmo apaixonante da sua Ideia. Viveu-a, crente de que essa obra, que Duarte Pacheco abraçou igualmente apaixonado, teria breve o seu início. Mas não...

Insista, pois, o Grupo «Amigos de Lisboa» pela sua realização e, assim, prestará à memória de Norberto de Araújo, a justiça da sua mais bela e eterna homenagem.»



Feira da Ladra

Velhas Fotografias

AINDA às vezes se encontram na Feira da Ladra. Antigamente não era raro topá-las nos quiosques, que o bom Tomás de Melo introduziu em Lisboa, a espreitar-nos por detrás dos envidraçados, mas os quiosques vão no caminho de acabar, depois de terem trocado, nas suas «étalages» livrescas, a História dos Três Corcovados de Setúbal, a da Princesa Mangalona, e outros folhetos tentadores dos adolescentes, pelas narrações de aventuras de «Cow-Boys» e pelos contos policiais. Cada tempo tem a sua leitura. As fotografias é que não tiveram artigo de comércio que as substituísse. E que pena — quanta vez — de se não poderem identificar! Quem seria certo senhor de chapéu alto, com a mão pòsta no ombro de uma dama, protegido por um lenço? Como se chamaria, que teria sido na vida, aquele sujeito de barba à passa-piolho que estou daqui a ver sentado, com um ar gravíssimo, num cadeirão dos tempos da Senhora da D. Maria II? Um nome por trás tinha bastado, talvez, para se decifrar a charada de um dos sucessores de Daguerre; mas ninguém se lembra de ajudar os curiosos que hão-de vir um dia.

Ora tudo isto vem à colação à conta de três retratos que me vieram parar à mão, e que foram da colectânea de um grande Amigo de Lisboa. São três alfacinhas típicas, figuras da rua — povo estreme — que dizem qualquer coisa pelas

suas fisionomias de rude beleza castiça, e que falam muito do nosso gentio do Terceiro Estado, pelos seus trajos ainda alheios às modas das senhoras, virgens



Maria Joaquina

da mania imitativa das «toilettes» da alta e dos adornos e cetins fulgurantes com que até se atavam agora as descen-

dentes abastardadas das varinas e das vendedeiras dos Mercados.

A que se embrulha no típico xaile de cadilhes e se coifa do lenço de pontas atadas por baixo do queixo, que foi tirar o retrato em 1901 ao Coelho Mourão da Rua de Santa Justa, chamava-se *Maria Joaquina*. O demo da rapariga tinha raça. Olha maliciosamente, de mãos na cinta, como quem acabasse de dizer. — «Aproveite agora, senhor Mourão». E a gente está a ver o senhor Mourão, a tirar a cabeça debaixo do pano preto e a destapar a máquina.



Tipo da lisboeta popular

A outra, que quis retratar-se de corpo inteiro, talvez para que o vestido de ver a Deus se visse todo, de cotovelo posto na clássica coluna, indispensável em todos

os «ateliers» de fotografia, representa bem o tipo da lisboeta popular, a rastejar pela burguesia. O José Maria da Silva, do Poço dos Negros, de certo gostou de ver na sua *Fotografia Portuguesa*, esta rapariga ali da Boavista que fez andar



A Joaquina do Largo do Salvador

à roda algumas cabeças do bairro de São Paulo. Ninguém lhe apontou o nome. Era uma qualquer; mas tinha boa pinta.

A terceira fotografia é a da *Joaquina do Largo do Salvador*. Pendentes nas orelhas, testa franjada, patilhas atrevidas, envolve-se num xaile escuro, felpudo, pesado, daqueles xailes que o Verão não deita fora e que sabem compôr o relevo do seio. Há na sua fisionomia uma leve expressão melancólica que lhe vai a matar e não tapa de todo o sorriso que se sente dentro dela.

Tem carácter esta Joaquina que, se fosse viva e contasse a sua história, talvez desse o traçado de algumas daquelas novelas do «Amor Humilde», semelhante à que escreveu o saudoso Norberto de Araújo.

Pareceu-nos de interesse fixar, num artiguelho despretençioso, estes três tipos populares da Lisboa de 1900, quando as raparigas do povo gostavam de mostrar que o eram e não macaqueavam as burguezinhas, na tentativa impossível de igualar os trajos femininos, como se as casteletas, os algodões e os lenços de cabeça não fossem muita vez mais belos e mais elegantes do que os *nylons*, as sedas e os lençinhos de palmo e meio que se vêem no Chiado.

Outros azulejos escondidos

Os azulejos que guarnecem a sala de jantar da casa onde morou o Dr. José d'Arruela, na Travessa de André Valente, comprados no bricabraque (Correia da Silva) da Rua 16 de Outubro, constituem uma colecção do maior interesse. Vimo-los há já bastante tempo, e é pelos apontamentos então tomados que se faz esta notícia.

Hoje existem somente quatro painéis, e um vão guarnecido com restos de outros ou com as sobras dos antigos que deviam ser, talvez, maiores. Com os mesmos restos ou sobras, acrescentados de azulejos modernos, fizeram-se quatro painéis mais pequenos e encheram-se os vãos de duas janelas.

O primeiro painel, dentro de uma decoração policroma de faixa dupla, a interior de animais e a exterior de flores, figura uma «entrada festiva», ao que nos quis parecer. Vêem-se naus com bandeiras listradas de barras e com uma cruz (amarela), um caíque, barcos de vários tipos, animando o rio. Em terra, à esquerda, a Torre de Belém, a que falta o parapeito inferior. No último terraço duas peças disparando tiros de salva. Vêem-se ainda em terra, um rapaz jogando o pião e outros pescando, estando um deles nos baixos da Torre.

O segundo painel tem o mesmo enquadramento de animais e flores e figura cenas cortesãs ao ar livre. Avista-se um palácio de colunata clássica. Eles e elas, com trajos do primeiro terço do seiscentismo, passeiam no jardim figurado. Uma das Damas semelha um «nina de Velasquez». No primeiro plano vê-se um Domínguez e duas figuras da corte.

O terceiro Painel mostra-nos cenas campestres. Ao centro está uma árvore e de um dos ramos pende um caldeirão sobre uma fogueira. No solo vêem-se utensílios agrícolas, sacos, galinhas, etc. Homens fumam cachimbo, mulheres matam e depenam galinhas, e crianças brincam. O enquadramento é igual.

O quarto Painel figura um Combate. Há um fundo de montanhas no qual se avistam grupos de cavaleiros. Ao centro vinte figuras de combatentes lutam. Vê-se uma bandeira com a cruz de Cristo, de uma corneta pende outra. Um dos guerreiros traja de corte, chapéu de feltro, emplumado, talabarte para a espada, cabelo anelado. Podia aventar-se que era D. Afonso VI.

Num vão da sala, representa-se um jardim com ruas e canteiros, onde passeiam figuras cortesãs e populares. Ao centro ergue-se uma Fonte sustentada por leões, e encimada por uma figura. Este painel liga-se com uma bacia de Fonte, a valer, colocada na parede, ali posta quando da coloração dos azulejos.

Nos restantes vãos há restos de azulejos (soldados escalando uma fortaleza, um homúnculo fumando cachimbo, etc.) concertados com outros modernos, os quais figuram um Moinho, a Conquista de Lisboa, a oração de Nuno Álvares em Aljubarrota, etc. Os amarelos falharam na cozedura. Vê-se bem que são de fabrico moderno. Alguns dos quatro painéis têm igualmente emendas feitas há pouco.

Tal decoração cerâmica, que deve ser do final do seicentismo, deixa suspeitar que se trate de um assunto português feito por castelhano. Devem ser cenas indeterminadas — uma guerra, uma marinha, uma festa de corte e outra de campo.

O livro dos pregos

É um códice do Arquivo da Câmara Municipal que merece uma atenta consulta. Abundam nele notícias de grande curiosidade. Aqui há anos tivémos de de o consultar, e dessa consulta resultaram alguns apontamentos tomados que são de aproveitar. Por isso os passo a letra de forma.

CASA DA MOEDA — Antes de 1425 a Moeda foi mudada para umas teracenas onde funcionavam uns fornos de biscouto, junto a um Curral, e naquele ano D. João I escreve à Câmara para lho ceder, visto ela ter mandado fazer outro curral junto às Portas de Sano Antão, prometendo fazer-lhe mercê que valha a cedência pedida, e agradecendo-a. A carta tem a data de 17 de Maio de 1425.

MOURARIA — A carta régia de 1 de Dezembro de 1444, prescreve que seja açoitada toda a mulher que vá à Mouraria, só, com qualquer homem ou com marido. Teria de ser açoitada «pubricamente». Para as Judiarias já havia uma proiçãõ anterior.

MESTERES — A ideia do apartamento dos mesteres por ruas, partiu da Câmara de Lisboa. O rei (D. João I) aceitou-a e aprovou-a, em 1451.

LUXO — Quando havia boda de filha de Escudeiro faziam-se em Lisboa Tavalados e Justas, manteavam-se os cavalos de gualdrapas brosladas e lavradas de oiro. A Câmara expôs ao rei este abuso que era contra a Pragmática, mas o rei, excepcionalmente, consentiu na infracção,

por carta, datada de Évora, de 6 de Junho de 1451.

PAÇO DO TRIGO — Por carta de 6 de Outubro de 1422, em agradecimento do esforço do povo de Lisboa na defesa da cidade, D. João I doou à Câmara os Paços das Carniçarias, o paço «para poer o trigo» sob a Portagem e o Paço das Fangas da Farinha. Mais tarde, por resolução real de 7 de Dezembro de 1486, foi autorizada a Câmara a aforar o Paço do Trigo e as logens da Padaria. O Paço estava derrubado, e as lojas esvasiadas e nada rendiam à cidade. Em 1425 já D. João I doara à cidade, para fazer ali fangas de pão, um campo devasso, junto à torre de um armazém seu, o qual partia com a rua «que vai da Porta do Ferro para as carniçarias».

PEDREIRAS — Carta de D. João I, de 6 de Julho de 1444, mandando que se possa tirar pedra das pedreiras que há em Lisboa, para as obras do Concelho, sem prejuízo dos seus donos, excepto da pedreira de Margarida Lourenço, moradora a par de S. Francisco, a qual foi escusa por mercê.

UM ESPECIALISTA DE OLHOS — D. João I escreve à Câmara em 22 de Julho de 1425, para que o mouro Álvaro, Mestre de Olhos, que viera à cidade para curar o filho de Fernão d'Álvares, e tem mais de cem curas, não deixe Lisboa, pois se fosse era um mal e ficariam desamparados muitos doentes. A carta é datada de Rio Maior. Foi a Câmara quem pediu a El-Rei lhe defendesse a saída.

POLÍCIA — Carta de El-Rei D. João I, de 12 de Setembro de 1421, mandando que houvesse dois homens em cada freguesia, para de noite vigiar e averiguar da vida dos seus moradores, e obviar a peijas e desordens nas ruas. E quando soubessem alguma coisa viessem ao sábado dizê-lo em segredo aos Meirinhos, e os prendessem e lhes dessem escarmento, e

que tais homens bons fizessem por haver candelas acesas nas ruas toda a noite. E ainda deviam de haver mais cinco homens em cada freguesia, para andarem pela rua a vigiar com suas armas prestes para acudir aos gritos e reclamos. No mesmo diploma se consignava que as portas da cidade se fechassem de noite, e que as chaves ficassem em boa mão que as não abrisse. Uma carta de 1 de Agosto do mesmo ano, estabelecia o Privilégio dos moradores do Concelho poderem trazer armas consigo, sem ser fora da marca, as quais, sendo assim, lhes seriam tomadas.

PANELAS QUEBRADAS — Parece que por protesto ou desfeita era costume do povo, no quatrocentismo, pelo menos, quebrar panelas ou cântaros na praça da cidade. Gil Eanes que fora Corregedor no Algarve, mandara em tempo açoitar um homem que quebrara um cântaro de água na Praça, e em 1444, outro caso semelhante se deu. Um castelão de nome Corta, que demandara outro castelão João de Bermeda, levou-o à cadeia, mas as nossas Justiças acabaram por o soltar, por não acharem razão suficiente ao Corta. Este exasperado, e por desfeita, quebrou panelas na Praça, dizendo que com os testes delas iria levar à sua terra testemunha que cá não achara direito contra o Bermeda. A Câmara doeu-se com o desagravo feito assim em público, e queixou-se a El-Rei. Este, por carta de 18 de Fevereiro desse ano, mandou que a Câmara de Lisboa fizesse o mesmo que fizera Gil Eanes, e mandou dar ao castelão cincoenta açoites na Praça, para não pôr costume novo na nossa terra, sem nosso mandado, para exemplo, e que esse perro ruim vá para a sua terra dar querela do que lhe foi feito.

Esta carta é datada de Montemor-o-Novo.

Um achado

E S T A C A P E L A
F U N D A R ã O O S
I R M ã O S D I H S
1 5 9 6

LÁPIDE encontrada numas obras da Câmara, na Rua de S. Mamede ao Caldas, defronte do Palácio Penafiel.

Estava metida numa parede de alvenaria, soterrada abaixo do pavimento da rua.

Na próxima Igreja de S. Mamede, havia uma Capela dedicada ao Bom Jesus, fundada por Vital de Sousa de Miranda, segundo Carvalho da Costa.

No Mapa de Portugal, do P.^o João Baptista de Castro, cita-se em S. Mamede, uma capela jurídica, que era de um João Ribeiro, consagrada ao Senhor Jesus.

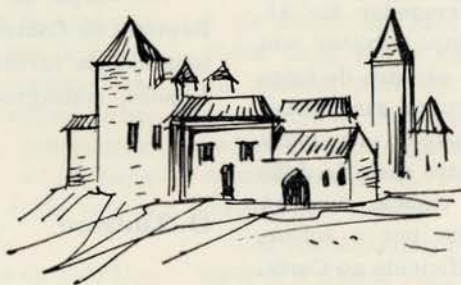
O Tudesco

FOI uma notabilidade na Lisboa do século XVII um cão que dava por este nome. O Tudesco, era de um pasteleiro e que morava ao pé da igreja paroquial de Santa Justa, e não havia em toda a cidade quem não o conhecesse e admirasse. Pela sua corpulência? Pela sua beleza? Pelo seu ladrido especial? Pelas subtilidades da sua inteligência de animal? Nada disso. O Tudesco era admirado e — até diremos que respeitado — pela sua vocação quase cristã. O padre Eusébio Nierenberg, na sua «História Natural» (capítulo 94, pág. 40) não se cansa de apregoar o seu misterioso espírito devoto. As palavras que o sábio Jesuíta ajuntou

no capítulo subordinado ao título *De cane quodam Ulyssiponi* não deixam dúvidas quanto às singularidades do raro animal. O Tudesco, quando ouvia tocar ao *Senhor fora*, fosse em que freguesia fosse e a que hora fosse, despedia às carreiras para fazer parte do acompanhamento. Seguia o clérigo, de focinho caído, e se era de noite alta, ia puxar pela roupa aos donos para que eles acordassem e fossem tam-

bém no piedoso cortejo. Obrigava a ajoelhar quem não ajoelhasse à passagem do Viático, e se alguns estavam com menos compostura, ladrava furiosamente e, se fossem renitentes, atirava-se... e mordia.

O pasteleiro de Santa Justa teve de certo maior nomeada com o Tudesco, do que com os seus pastéis.



ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

No terceiro trimestre de 1956 continuou o Grupo, como foi anunciado no segundo suplemento ao n.º 73 de OLISIPO, a sua actividade cultural tendo-se realizado na 5.ª feira 12, às 22 horas, a 10.ª sessão de *Colóquios Olisiponenses* em que usaram da palavra o Dr. Ferreira de Almeida, que abordou o tema da «Necessidade de túneis e passagens subterrâneas em Lisboa», referindo os que conhece em algumas cidades europeias, particularmente em Roma e Génova.

Seguidamente o Prof. Doutor Costa Sacadura referiu e relatou a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a Basílica de Nossa Senhora da Conceição a erigir na Quinta de Santo António, que tinha sido da Condessa de Camaride, às Picoas, cerimónia a que presidiram a Rainha D. Maria Pia e o Cardeal Patriarca D. José III. Essa construção não foi avante e sobre os seus alicerces ergueu-se mais tarde a Maternidade Alfredo Costa. A propósito o orador lançou a ideia de um estudo a fazer sobre lançamentos de primeiras pedras de monumentos que não vieram a construir-se.

No final o Doutor Eduardo Neves, que presidiu e apresentou os conferencistas, trouxe uma medalha que descreveu, de que só há 25 exemplares, e que comemora a visita a Ceuta de várias individualidades portuguesas.

A 15 deslocaram-se a Tomar, a propósito da Festa dos Tabuleiros, cerca de 300 pessoas que foram recebidas pelo nosso consócio Sr. Major Figueiredo e Silva e por um representante do Sr. Presidente da Câmara. Assistiram, em recinto especial, à Missa da Festa, ao Cortejo e ao Fogo de Artificio tendo almoçado e jantado, por deferência especial, nas salas do Clube Tomarense. O deslocamento fez-se em automotora especial.

A 22 deslocaram-se ao Lumiar cerca de 500 consócios em visita de estudo às instalações dos Inválidos do Comércio. Recebidos pelos seus Corpos Gerentes visitaram as magnificas instalações dentro duma aprazível Quinta, onde se alojam mais de 250 pessoas entre homens e senhoras, ali internadas.



Dirigentes do Grupo e dos Inválidos do Comércio e alguns dos nossos associados, durante a visita às instalações do Lumiar

A instituição, meramente particular, vive das cotizações de 41.000 associados recrutados entre a classe comercial do país.

A 29 foram os «Amigos de Lisboa» em visita de estudo às instalações da Câmara Municipal de Oeiras e à cerca de parte da Quinta do Marquês de Pombal onde estão instalados os serviços da Estação Agronómica Nacional. Não foram visitados o Palácio do Marquês de Pombal e a Quinta anexa, por à última hora nos ter sido negada a autorização para tal, apesar de todas as nossas diligências e de já anteriormente nos ter sido prometida e autorizada, oralmente, pelo seu proprietário.

Fomos recebidos gentilmente pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, o nosso consócio o Sr. Conde de Rio Maior, acompanhado pelo Vereador da mesma Câmara Sr. Jaime Athias, que dirigiram saudações aos visitantes e os acompanharam nas visitas ao edifício

da Câmara, respectiva Biblioteca, onde o seu conservador explicou a sua origem «Legado Archer de Lima», e demais instalações municipais de que há a destacar o Parque com a sua Estufa Fria.

Foram também visitadas a Igreja Paroquial e a antiga Capela de Santo Amaro, actual Misericórdia, onde fomos recebidos pelo Mesário Sr. Barjona de Freitas. Esta visita deixou em todos as mais gratas impressões pela cativante gentileza havida para connosco pelos citados administradores das instalações visitadas.



O Secretário-Geral do Grupo, Conde de Rio Maior, Presidente da Câmara e o nosso Director-Tesoureiro à saída da Câmara Municipal de Oeiras

Destas visitas se publicam neste número algumas fotografias.

Em 5 de Agosto visitaram os «Amigos de Lisboa», cerca duma centena, a Igreja de Santa Catarina, na Calçada do Combro, onde foram recebidos pelo respectivo Pároco Rev. Rocha Reis.

Dirigiu a visita o nosso consócio Sr. Ferreira de Andrade que em elegante palestra evocou a memória de Norberto de Araújo, o cronista habitual das nossas visitas anteriores a este templo, e fez a descrição sucinta do edifício e do local que, ampliada, em breve será por nós publicada em estudo que tem em preparação. Sugeriu o reco-

mendar-se à Direcção dos Monumentos Nacionais o restauro de algumas dependências e locais do maravilhoso repositório de arte (Talha, Pintura e obra de Cantaria), que é esse elegante templo lisboeta.

A 11, em reunião especial, reuniu a Junta Directiva do Grupo que aprovou uma moção, noutra local deste número publicada na ínte-



Os Srs. José Francisco de Oliveira, Vereador Jaime Athias e Roberto Sarmiento, na visita a Oeiras

gra, em que atribuiu, a título póstumo, ao benemérito Calouste Sarkis Gulbenkian, o título de «Amigo de Lisboa» (Par ad virtutem). A essa resolução, que foi comunicada à Fundação que tem o seu nome, se referiu largamente a Imprensa de Lisboa.

E. N.

A Campanha dos 20

À lista publicada no número anterior de OLISIPO há que acrescentar mais os seguintes sócios que se subscreveram com 20\$00:

12, 176, 298, 370, 562, 736, 1504, 1527, 1586, 1596, 1657, 1746, 1886, 2101, 2168, 2176, 2378, 2536, 2543, 2549, 2616, 2681, 2716 e 2720; o que nesta data totaliza, com o já publicado, Esc. 2.210\$00.

ÍNDICE

DO 19.º VOLUME

1956



A propósito de D. João II, pelo <i>Doutor Fernando da Silva Correia</i> ...	37 e 186
Acção cultural durante o ano de 1955 ...	47
Actividade cultural durante o trimestre passado ...	44, 153, 203 e 235
Calouste Sarkis Gulbenkian ...	215
A Campanha dos 20 ...	134, 210 e 238
Colóquios Olisiponenses — Ver Actividade cultural durante o trimestre passado.	
Comédia da Fé e do Trono Afonso Exalta na Conquista de Lisboa — Comentário de <i>Matos Sequeira</i> ...	57
Comemorações do 20.º aniversário do Grupo ...	103
Reunião do Conselho Geral ...	103
Jantar de confraternização ...	111
Exposições ...	117
Medalha de Ouro da Cidade ...	119
Casas regionais ...	126
Vária ...	131
Colóquios olisiponenses... ..	131
Missa	131
Emissora Nacional	133
O Marco do termo de Lisboa, em Massamá	133
A Campanha dos 20	134
Sessão Solene de encerramento	136
«Amigos de Lisboa» (Os) e a sua origem. Evocação por <i>Luís Pastor de Macedo</i>	55

Documentos inéditos colhidos nos apontamentos de um cronista franciscano, por <i>Ferreira de Andrade</i>	82 e	198
† Doutor Celestino da Costa		53
Duas curiosidades lisboetas. O Balão do Arsenal e o Tiro da Politécnica, por <i>Mário Costa</i>		169
Feira da Ladra	42, 148 e	229
Festa do casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra, por <i>Mário Costa</i>		28
Jesuítas, (Os) o atentado e a execução de Belém, pelo <i>Prof. Ernesto Soares</i>		77
Lembranças de Norberto de Araújo, por <i>Ferreira de Andrade</i>		227
Lisboa e a sua população, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>		10
Arcebispo Primaz (Um) natural de Lisboa, pelo <i>Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves</i>		3
Metropolitano, (O) e as «Sete Colinas» lisiponenses, por <i>Luis Moita</i>		90
Parecer da Comissão de Contas à Assembleia Geral de 1956		160
Príncipe (O) D. Carlos e a Defesa do Porto de Lisboa, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>		60
Relatório da Junta Directiva à Assembleia Geral de 1956		157
Santo António da Barra — Achegas para uma monografia, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>		217
Uma tabuleta de médico que não paga imposto camarário, pelo <i>Doutor Prof. Costa Sacadura</i>		163
Vieira Luzitano e António Joaquim Padrão, pelo <i>Prof. Ernesto Soares</i>		33

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

PREÇOS

	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho	esgotado	
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins	esgotado	
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Ruinias do Carmo	esgotado	
Igreja da Penha de França		»

Faculdade de Medicina		esgotado
Lisboa nos Ex-Libris		>
Lisboa na Numismática e na Medalhística		>
O Convento dos Barbadinhos Italianos		>
Do Sítio do Intendente		>
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..		>
Alocações	13\$50	15\$00
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
--------------------------------	-------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus		esgotado
Guia do Orlisipo n.ºs 1 a 11	7\$50	8\$00
» » » n.ºs 12 e 13	9\$00	10\$00
Visite Lisboa	64\$00	70\$00
Vinte e cinco anos na vida dum capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2.º, 3.º e 4.º vols.	125\$00	150\$00

FRANCISCO CORDEIRO BLANCO

Alguns desenhos inéditos de Lisboa do fim do Século XVIII	13\$50	15\$00
--	--------	--------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
--	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... ..		esgotado
--	--	----------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos esgotado

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém 27\$00 30\$00

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa 18\$50 15\$00

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas do Terreiro Real
que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795 esgotado

JULIETA FERRÃO

Lisboa 1870 esgotado

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... .. esgotado

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$70 7\$50

A Rua das Canastras 7\$20 8\$00

Críticas, Corecções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de Hoje»
do Sr. Paulo Freire 9\$00 10\$00

Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da
Freguesia da Sé 9\$00 10\$00

Ascendentes de Camilo 13\$50 15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no Século XIX 4\$50 5\$00

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama 18\$00 20\$00

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto esgotado

O Problema da Habitação 27\$00 30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas 18\$00 20\$00

Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com
Carlos II de Inglaterra 9\$00 10\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..	esgotado
A Igreja e o Convento da Graça	»
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00 50\$00
Calçada da Ajuda	esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente	9\$00 10\$00
--	--------------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paroquia de S. Jorge de Arroios	esgotado
--	----------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00 10\$00
---	--------------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00 50\$00
---	---------------

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... .. cada	13\$50 15\$00
--	---------------

OURO, PRATA E JOIAS
BARATÍSSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 28503 - LISBOA

A' venda nas Livrarias:

**GENTE
QUE
PASSA**

Crónicas por
FOLGADO DA SILVEIRA

DEPOSITÁRIO

José Francisco d'Oliveira
Praça da Figueira, 5-1.º, E.
Telefone 29635
LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

ROTOGRAVURA
FOTOGRAVURA
FOTOLITO
TIPOGRAFIA - DESENHO

TRAVESSA CONDESSA DO RIO, 7
Telefones 21368, 21227, 30054

PAPELARIA CARLOS

CARLOS FERREIRA, LDA.

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 0 2 4 4
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

A LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições de

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 3 17 30 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

B. Dias & Dias, Limitada

com Oficina de
Torneiro de Metais

INSTALAÇÕES PARA ÁGUA
GÁS E ELECTRICIDADE

COLOCAÇÃO DE BOMBAS
E CONsertos

Retretes de luxo nacionais e estrangeiras. Autoclismos de vários sistemas. Lavatórios e banheiras de esmalte e zinco e esquentadores a gasolina e para gás. Candeeiros para gás, electricidade, petróleo, gasolina e gás acetilente. Camisas e chaminés de todas as qualidades. Campainhas, telefones, trinco eléctrico, motores de electricidade. Vende a melhor lâmpada económica. Philips de filamento metálico e Nitra. Lava louças e todos os artigos referentes a folha branca. Fazem-se todos os trabalhos pertencentes à sua indústria.

11-F, Rua Nova da Tindade, 11-F
LISBOA

Telef. 2 26 48



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 6631 77/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. - Tel. 493 13

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º - Tel. 262 51

PORTO

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

INVICTA - VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS

PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

JOIAS - OURO

PRATA - RELÓGIOS

R. Martim Moniz, 2-10 - R. da Mouraria, 7-11 - Tel. 28336 - LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvária, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64-65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

VISTA ALEGRE

P O R C E L A N A S

●
Largo do Chiado, 18
L I S B O A

**M A I S D E
C E M A N O S
D E Q U A L I D A D E
E B O M G O S T O**

Lisboa desportiva

CLUBE ORIENTAL DE LISBOA



CLUBE ORIENTAL DE LISBOA é a resultante da fusão dos antigos clubes do bairro oriental da cidade: Chelas, Marvilense e Fósforos.

Procurando tenazmente enfileirar ao lado dos «grandes», encontraremos o «Oriental» a marcar nítida posição de relevo, em todas as competições desportivas em que tomou parte, desde 8 de Agosto de 1946: data da sua fundação.

Campeão Nacional de Futebol da 2.ª Divisão, em 1952/53; Campeão Regional de Andebol em Juniores, nas épocas de 1946/47, 1947/48, 1948/49, 1950/51, e 1951/52; Campeão Nacional, na mesma modalidade e categoria, em 3 épocas, sendo duas consecutivas; o Clube Oriental de Lisboa possui ainda vários triunfos em provas de vela, modalidade onde sempre marcou presença muito honrosa.

O acendrado bairrismo de todos os simpatizantes e associados, dão a este clube características especiais que o tornam merecedor de realizar integralmente todas as suas aspirações, entre as quais figuram: a subida à 1.ª Divisão, de onde infelicidades várias o forçaram a sair há duas épocas; e a construção de um verdadeiro estádio, no Vale Fundão, com todas as condições necessárias para uma cultura mais completa das diversas modalidades praticadas.

O Clube Oriental de Lisboa atingirá certamente os objectivos que tem em vista. Para isso, felizmente, não lhe faltam dirigentes probos e trabalhadores, e a força inquebrantável de 6.500 associados, unidos e perseverantes, capazes das mais abnegadas dedicações para que o seu clube passe a ocupar o lugar destacado que verdadeiramente merece.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

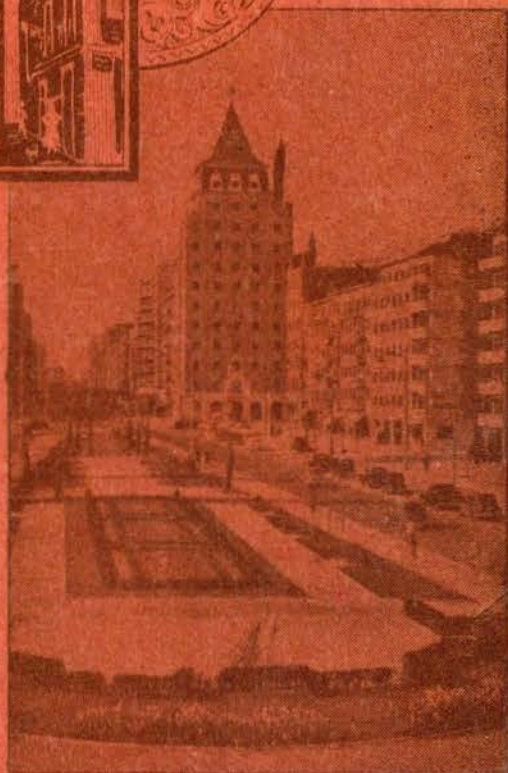
PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL